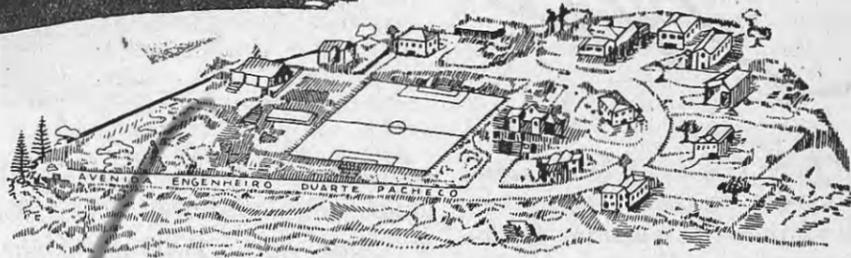




Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º — 185
Preço 1\$00



Aqui,
LISBOA!

CASAS PARA POBRES

ESTÁ perto a Páscoa! Quem não diz são os bolos e as amendoas que começaram a chegar. As primeiras vieram-nos dum missionário que anda por aí a revolucionar as almas.

Ele prega nos pulpitos com crianças ao colo, prega nas ruas das aldeias a correr com os rapazes atrás da bola, com rebuçados e amendoas, prega nas praças da cidade aos filhos da rua, e prega (ô escândalo!) em cima dum caixote de sabão...

À porta duma taberna... no Bairro Alto!!!

A notícia trouxe-a um saloio daqui, que vinha a ferver: «Nunca tal se viu! O povo chorava, o povo cantava, o povo rezava... o povo do Bairro Alto!» O povo, queria dizer: os pobres. O facto era escândalo demais para passar sem reparos e, não faltaram perante a Autoridade competente, as cartas anónimas e protestos dos escandalizados.

E o Senhor Cardeal?

Devidamente informado, levantou as mãos ao céu e exclamou Graças a Deus!

Deve ter sido esta a expressão de João Batista, ao ser informado pelos seus discípulos da resposta do Mestre: «Ide dizer a João o que vistes e ouvistes—Os cegos veem, os paralíticos andam, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os Pobres são avangelizados».

Graças a Deus, sim, os Pobres são evangelizados...

Sei dum pároco que mandou fazer bancos cómodos e caros para a melhor sociedade da sua igreja.

Há dias fazia ele o peditório para os Seminários e, de bandeja na mão, ia percorrendo os bancos de luxo! Unhas pintadas procuravam diligentemente as moedas mais pequenas, escondidas entre o espelho e o lençinho de seda. Os tostões iam caindo na bandeja de prata. O homem quase perdia a

cabeça: «ponha, ponha, minha senhora esses anéis e pulseiras»

No fim foi a contar e, só em tostões, havia três mil.

—E eu que gastei, dizia, vinte contos em bancos!...

Nós temos pregado suficientemente à melhor sociedade; é preciso distribuir também o pão do espírito aos publicanos que ficam lá ao fundo do templo—Tende piedade de mim Senhor que sou um grande pecador—aos que lá não chegam nem à porta do templo mas que se ficam, como Job, lá pe-

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

BOAS NOTÍCIAS

A Obra da Rua foi convidada a tomar parte numa Reunião Internacional de dedicados às Comunidades de rapazes delinquentes, que teve lugar em Roma nos dias 27 e 28 de Fevereiro último.

Exultei. Gostaria de ir e pedi ao P.e Adriano que fosse, por me ser de todo penoso. Adriano responde que não tinha dinheiro. Não fomos. Nomeamos representante, a quem se enviou material; fotografias e publicações.

Estiveram 44 representantes de 9 nações sendo 16 sacerdotes, 18 homens e 10 senhoras.

—«Pude verificar com a maior satisfação que a Obra despertou o mais vivo interesse e constituiu para todos, em diversos pontos, uma verdadeira revelação».

Isto escreve o nosso Representante, Reitor do Colegio Português. Alemanha, Austria, Bélgica, França, Suíça, Luxemburgo, Espanha, Itália e a Casa do Gaiato. No fim houve audiência do Papa. Quanto perdi!

Resultado imediato: assinaturas do Famoso para os Congressistas.

Eu vou aqui dizer de como nasceu e foi possível realizar o pensamento da elevação de casas para Indigentes nossos irmãos. Nasceu nesta palavra — irmãos. Esta é a fonte perene e divina das máximas inquietações. Vai dizer aos meus irmãos que eu ressuscitei. Sempre que passo por este versículo do Evangelho, estremeço de alegria e comoção. Já não diz meus amigos ou discípulos; isso é muito, sim, mas agora é mais: meus irmãos!

Eis aqui toda a doutrina da Ressurreição na sua formidável elegância e simplicidade. Nasceu aqui o pensamento. Vamos agora ver de como foi possível a sua realização.

Por muito tempo trouxe a ideia escondida no peito. Eu não posso terras. Esta formosa e espaçosa quinta de Paço de Sousa, é da Obra da Rua e é também da mesma entidade, uma parcela que há pouco se obteve, para construção do Bairro de moradias dos nossos que as merecerem.

Por outro lado, eu tenho que as casas para pobres, devem ser obra da paróquia; A Obra da Paróquia, diria, e como tal, os terrenos tinham de ser cedidos pelos próprios paroquianos. Porém eu, sendo natural daqui, não sou profeta honrado, e nada poderia fazer. Foi nesta neblina que decidi ir por aí abaixo falar com Padre Adriano. Cheguei a horas do almoço. Pedi café e saímos para o laranjal, aspirar o perfume das flores. Abri-me. Adriano escuta. Puzemos a questão da continuidade da Obra, por não termos jurisdição fora dos muros da Casa do Gaiato. Torna-se necessário que a Obra seja de uma entidade estranha. Sim. Alinhavamos mas não demos pontos certos. Junta da freguesia está sujeita a elementos de intromissão. Despedi-me do Tojal sem nada resolvermos. Adriano quis trazer-me à Portela, aonde o avião me esperava. Embarquei. Daí por minutos, voava sobre o laranjal da Casa do Gaiato de Lisboa. Ali tínhamos estado momentos antes, amigos e unidos; só os padres do tugurio são capazes de fazer oração mental da falta de casas para pobres.

Comecei a rezar o meu terço. Iamos sobre a Figueira, a 1200 metros, quando terminei. Nestas alturas, vem-me um pensamento alto. A igreja. A Fábrica da Igreja Paroquial. E' uma entidade que goza de personalidade jurídica. Aceita legados, respeita condições, garante continuidade. Tinha encontrado a solução.

Uma vez em casa, transmiti ao Pároco da freguesia este segredo. Ele convoca os maiores contribuintes. Expõe. Aonde houver quem ofereça à igreja uma nesga de terra aí será construída uma casa para pobres, ficando uma coisa e outra, pertença da igreja. Não foi preciso mais nada. Todos disseram que sim.

A Igreja! A força irresistível da Mãe! Quem é que ensinou a ler? Quem deu pão? Quem curou feridas? Quem arroteou? Como gosto de mergulhar nestas verdades da história! Vinte séculos não a perderam. Outros tantos não a perderam! A Mãe! É por amor d'Ela que os pobres de Paço de Sousa têm hoje a sua casinha; só por Ela. Não haveria dinheiro que comprasse. Não haveria força que obrigasse nem palavra que convencesse. Nenhum dos que deu daria terreno; mas para a igreja todos deram! E' ela, a Mãe, que veste, que agasalha, que ampara, que dá os seios. Não é mais ninguém.

Nem apostasias, nem deserções, nem fraquesas—nada. Nada lhe toca. Nada a diminui. Ela é a Mãe. Estes homens o disseram. Também aqui se canonisa...!

Com quanta alegria não proclamam eles que a igreja de Paço de Sousa dá casas aos pobres da freguesia?

Temos as redes lançadas. As casas estão a subir. E' por amor do prestígio da Igreja que estas e outras hão-de subir; eu amo a Igreja por Ela ser quem é!

As casas são um amor, de pobres e pequeninas. Há a cozinha com lareira, transfogueiro, chaminé e cantareira. Há um forno de meio alqueire. Um armário embutido. Há uma sala pequenina para receber a Cruz na Páscoa. Há um quarto da família. Também um recinto para a corte do bacorinho, a caçoira das galinhas; o vaso das sardinheiras e outras plantas e flores, que os pobres gostam de ter. São um amor!

Tivesse eu vida para isso, que havia de pedir à igreja uma destas casinhas para mim!

Do que nós Necessitamos

Mais uns Visitantes de Rio Tinto, que deixaram nada menos de 15 pares de calçado em folha, vistoso, magnífico.

Mais o Piolho que foi ó Porto em serviço e trouxe de um senhor um fardo de sola de 1.^a qualidade e uma nota de 500\$. Só assim somos capazes de vestir e calçar os portugueses abandonados. Uma rapariga católica do Porto, responde com 100\$. A Luisa de Alcanena esteja descançadinha; aqui recebe-se tudo.

Mais Coimbra com 100\$ do primeiro dinheiro que o meu pai me deu para comprar o meu enxoval de noiva. Feliz noiva! Mais 100\$ de Luanda. Mais 100\$ de Algures. Mais do Porto 500\$, metade das minhas economias. Foi entregue a um pequenino vendedor. Mais 50\$ do Porto. Mais o dobro de Santo Tirso. Mais 100\$ de Margarida. Mais de Lisboa 500\$; agradecendo um milagre. A gente fica pensando que milagre teria sido! Mais de Nisa 50\$. Mais de Braga 500\$ para o que v. quizer. Mais o saldo de uma festa em família 328\$. Mais 500\$ para as Conferências de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato. Mais de Lisboa 20\$ de uma menina de 3 meses e outro tanto de um senhor e tudo isto para aqueles nossos irmãos do Barredo. Mais de Castelo Branco 200\$ em cumprimento de um voto. Admirável este pequeno jornal! O que Deus faz por meio do papelito? Ele move e comove as almas. Leva-as a votos e a penitências. Sei de alguém da moda que se dispensou de comprar um vestido de baile e deu para o Gaiato o seu custo! Mais 20\$. Mais 20\$ de Gouveia de uma mãe; e 30\$ do mesmo sítio. Mais 20\$: Não tenho ordenado nem rendimentos, deram-mos. Que riqueza! Mais outro tanto de uma promessa.

Do Espelho da Moda não se fala! Do que ali vai ter não se diz nada!! Não é que a gente guarde. Eu tenho medo de guardar. Tenho medo que as coisas apodreçam e as ideias nasçam atrofiadas. Não é que a gente guarde. É pelo que podemos fazer. O Espelho da Moda é o nosso verdadeiro banco. Dali retiramos as mais preciosas ofertas para a nossa obra, sem se saber jamais o nome de quem dá, para que a recompensa total venha do seio de Deus; e que recompensa!

Mais do Porto 100\$, do pri-

meiro aumento de ordenado de umas orfãs; Soberbo! Mais 100\$ de César. Mais 200\$ de Coimbra dentro de uma carta «avançada». Di-las lá bonitas... Eu aprovo. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 50\$ de Algures. Agora leiam e pasmem: a Conferência de S. Vicente de Paulo de Inhambane na sua última reunião, deliberou enviar 400\$ a essa Obra. Mais 2 gotas de algures.

PEDITÓRIOS

No Olímpia deram-se dois casos inéditos. O primeiro foi que, estando eu no palco, atrás da cortina, a engatilhar o sermão, vem o Júlio comunicar que o sub-chefe da Polícia não deixava pedir.

- Nunca tal acontecerá!
- Que diz ele?
- Que é proibido pedir na cidade do Porto.
- Vai e diz-lhe que há precedentes.
- Já disse.
- Então?
- Que são ordens.
- Pede-lhe que telefone para o Comando.

Júlio saiu do palco. Eu perdi o fio da meada com este embaraço. Ouvi-se distintamente o público a entrar e tomar assento. A cortina ia correr...

Júlio não aparecia... Mas apareceu. Que sim. Pode pedir. O fiscal diz, é agora: e eu vejo-me ali plantado diante da multidão cercado de luz pela frente e por trás, como se fosse uma estrela oh momentos! Este foi o primeiro episódio.

Em baixo espera-se a minha palavra. A que eu tinha na ponta da língua, era o sub-chefe, mas não a podia pregar. Puxei o pescoço, fiz dois gestos e comeci a dizer; a dizer da Criança. Nisto, vejo muita gente a levantar-se! Que teria sido? Nunca tal acontecerá! Estava, decididamente, em maré de ineditismos. Pois não foi nada. A assistência, sem esperar pelos rapazes da saca, resolveu vir em cheio até ao palco, lançar aos meus pés as suas ofertas. Quando dei por ela estavam ao pé de mim muitos. Pais e muitas Mães, de filhos nos braços e estes com notas do Banco na ponta dos dedos!! Foi então que eu gritei a dizer que não. Que se deixassem estar. Que os rapazes iriam pedir. Que não podíamos atrazar o programa e mais e mais. O sub-chefe estava com os seus subditos. Não sei o que lhe passou pela alma. Se eles são bons e humildes como se espera que sejam, aproveitaram a lição: é mais forte o desejo de dar do que a lei que proíbe pedir.

No fim foi-se a ver: um conto e quinhentos nas sacas, inclusivé 100\$00 do Gerente, que também nos ofereceu um lindo quadro a óleo.

No Cinema Batalha apurou-se 3.500\$00. No Rivoli, andou por sete deles. No Trindade, 4.700\$00.

Sempre mais e melhor, na Obra da Rua, não é rotulo; é acção. Ainda há pouco recolheu uma procissão e esta que agora anda, se não é mais, é melhor. Ora vejam: sinto-me feliz por poder empregar tão bem o meu primeiro aumento de ordenado (400\$00) ajudando a construir casas para pobres. Assina-se um novo que ama o Evangelho. É do Porto. Um novo! Um novo de posição! Um novo que ama uma causa santa! Tão incipiente e já tão forte a procissão! Aonde iremos nós parar? Quantas casas vamos nós construir? Mais 500\$ de uma letra que me parece de Gramaços; será? A carta, por mal fechada, vinha aberta e o selo, por mal colado, tinha caído.

Alcobaça também se apresenta com 100\$00. De Rio Maior vem uma pedrinha 100\$00. A carta diz ser um mês particularmente difícil. E pede mais a carta recomende-me a um dos seus pobres. Logo ao pé, Caidas da Rainha, também vai com uma telha, 50\$00. Lisboa também aqui vai com 500\$; é o André. Uma doente de um Sanatório quer ajudar a fazer as casas e diz de si mesmo ser uma alma que chora porque nunca fez nada nem será nunca capaz de fazer. Mandou 500\$00. Nunca fez nada! Mas há no mundo alguém que faça mais e melhor do que aceitar das mãos de Deus o peso de uma doença prolongada? Mais um do Porto que deseja ir no cortejo das Casas com 300\$00.

Esta vai ser uma procissão de grande memória. Não é de recóher; é ilimitada. Quanto mais dinheiro, mais casas havemos de construir. Aonde? Não importa. O problema põe-se hoje em toda a parte e brada.

Começa-se tarde. A inquietação já havia de ter sido... Quem restitui esta falta aos milhares que morreram sem um abrigo? Saibamos nós bater no peito. Casas. Casas. Casas.

O meu Mestre d'obras, é homem de palavra. Podia ter hoje larga soma de capitais, e não tem; ao pedir-lhe que me levantasse doze casas e me desse o privilégio de só pagar no fim do ano, ele respondeu que não. É honesto. Podemos trabalhar com ele. Mais. O meu Mestre d'obras, tem a máquina bem montada e grande número de operários à sua disposição. Constroio-nos quantas moradias quizermos, em qualquer lugar.

Cada uma fica por doze contos. E um número bonito; é par. Uma dúzia. Quem é que não gosta de dúzias?! Ora eu sei que vamos receber muitas dúzias, que o mesmo é dizer, levantar muitas casas, que o mesmo é a sentença final do Justo Juiz—*andava por lá sem abrigo, e tu abrigaste-me.* Feliz de quem a escutar!

A Menina Ema está no seu posto... As portas do Banco Espírito Santo, dizem todas para a rua, e dentro, atendem...

E eu também...

Temos 2.650\$00

Mais uma herança

O que para nós significa mais uma renúncia. Desta feita é em Sintra que se encontra o objecto do testamento; oh tentação! apenas o soube, dirigi-me ao altar, aonde sufraguei em nome da Igreja, a alma de quem um dia se lembrou piedosamente de mim. Tinha de o fazer. A seguir respondi ao advogado e disse-lhe de como as coisas se passam no seio da nossa Obra, no que respeita a testamentos. Ele estranhou. Não admira que este e outros estranhem, mas a nossa doutrina fica de pé por ter as raízes fundas. Na verdade, se viessemos a cair na desgraça de ser, amanhã, uma Obra rica, que faríamos? Nada. Não fazíamos nada. Olhávamos pelas rendas e acabou. E os rapazes? Ah, sim; a obra tem rapazes... Depois veremos isso!

Mais uma renúncia. E já agora que estamos todos aqui, eu desejo prevenir que tome cada um para si e passe palavra aos mais: evitem os testamentos para nos evitar trabalhos.

Nós sabemos que esta doutrina é barbara. Parece um caminho sem pavimento. Confunde. Escandaliza. Estamos afeitos a trabalhar na terra com valores terrestres; conceito apertado e miudinho. Sim; escandaliza.

Mas é sem razão. A verdade está noutra sítio; tem de se ir por ela ao seic das almas, que são a imagem de Deus. Eis aqui o conceito. Arder por elas!

De preferencia às aglomerações de falsas riquezas, nós queremos ser o sinal por onde outrora os pastores encontraram o Redentor. É preciso que alguma coisa se levante num mundo de incrédulos e de indiferentes e de preguiçosos. É preciso que alguma coisa pregue e afirme e realize o Eterno para que se duvide do Efemero.

Que outros aceitem e capitalizem e se arrastem. Nós cá não. Azas. Azas. Azas!



Atenção

Os assinantes que nestes últimos tempos se vêm queixando de não receber o famoso, estão cheios de razão; cheinhos. Não é o Avelino nem o Piolho nem nada nem ninguém cá por casa; é o novo sistema de endereços que estamos implantando. Houve azar no maquinismo que faz as chapas e elas atrazaram. Avelino tem ido ó Porto. Júlio também. Eu também. Os senhores da Firma, desculpam-se com palavras doces; os assinantes acusam com delas amargas.

Vamos! a ver.

VENDA DO JORNAL

Anda agora uma questão muito assanhada aqui por casa, e vem de onde eu não fazia conta. Os chefes! Os dois chefes do Porto e S. João da Madeira. Ambos se chamam Carlos. Trata-se da venda em Espinho. O Carlos do Porto, disse ó de S. João que, em chegando o tempo da praia, ali era dele. O Carlos de S. João respondeu ó do Porto que, em chegando o tempo da praia, ali era mas é dele. A disputa subiu até mim; ambos falavam. O de S. João é de palavra mais fácil e muito fluente. Que tem aguentado aquilo todo o inverno. Que os vendedores, às vezes, chegam a casa à tiritar. Que ele está a roer o osso e por isso, seria tolo se desse a carne de verão ó Carlos do Porto. Este, por sua vez, apela para a tradição. Que Espinho tem sido a arena das *estrelas* da venda. Ali bateram os nossos melhores vendedores. Que é praça conquistada e que por nada deste mundo a deixa. Eu ouvi um e outro. Nenhum cedia. E agora? Foi então que tive uma ideia; remeter o caso à apreciação de Júlio e Avelino. Assim foi. Carlos do Porto perdeu. Espinho é de S. João da Madeira. Pronto.

CONFIANÇA

O Chefe do Lar do Porto diz na sua crónica de cinco contos que recebeu para os pobres. É verdade. Eu fiquei deslumbrado quando abri a carta e vi tanto dinheiro! Regressei ao Espelho da Moda, a perguntar. Que tinha sido uma senhora modesta e não me souberam dizer mais nada. Modesta, sim. Tinha de ser mesmo muito modesta, para subir tão alto sem dar nas vistas. Fiquei deslumbrado. Há, porém, algo que mais me deslumbra; poder entregar tamanha quantia aos meus rapazes e confiar na sua justa distribuição. Isto é que é.

Na verdade, uns três deles são vicentinos de raiz. Um destes, por sair tarde do seu emprego e não dispor de tempo, encomenda-me um ou outro pobre, para o qual me entrega algum do seu dinheiro! Se é verdade que eu sou por natureza o recoveiro deles todos, nunca, como então, me agrada fazer recados!

Confiar cinco contos de mil escudos e deixar-lhes o critério da sua distribuição; que ousadia! Oh escandaloso! E contudo, a confiança é a base da formação do rapaz. Exemplo: Há dias, o chefe do Porto, no seu escritório, estava ocupado em contar dinheiro dos peditórios e da venda do jornal. Estava também o chefe de S. João da Madeira, casualmente. Em determinada altura e no auge da tarefa, Carlos do Porto, volta-se para Carlos de S. João da Madeira e exclama: *vê lá tu o que fulano (eu) nos faz; quem pode tirar daqui um tostão?*

E ele tinha à sua inteira disposição a passar de 25 contos! Ora aqui está. Isto é o fruto da confiança. O abuso é uma excepção: a regra deu-a o rapaz.

Mais. Há dias chego ao Lar de S. João da Madeira. Chefe está, mas não aparece. Espero e ele não vem! Pergunto. Está a fazer as contas, informam. Quer dizer, a malta sabe e compreende que ele, chefe, além do mais, é também um homem de contas.

Ora isto é o fruto natural da confiança. É a consciencia a responder. O nosso sistema dá certo. Nem se chama sistema; é a ordem natural.

Querem ver? Nós estamos expedindo o Livro à base da confiança, com espanto de todos. Pois bem. Houve um grupo de onde saiu esta voz: *vamos mandar um vale imediatamente, porque os livros não vêm à cobrança.* Aqui está o fruto natural da confiança.

QUANTOS, ao receber o jornal, não vão buscar; e ficam tristes se não encontram,—quantos? Todos gostam das verdadeiras notícias dos nossos Irmãos;—Barredo!

O caldeireiro, está à espera... Como levava naquele dia mais tempo, voltei-me para a sua mulher e perguntei como iam de Prego... Ela foi buscar. *Se pudessem ser estas calcinhas pra ele ir ó médico...!* Havia muito mais que desempenhar. Perguntei que mais queria, além das calças. *Este lençolzinho fazia muito jeito...*

Junto a um mal grande, aparece sempre um maior.

Ao pé, naquele mesmo prédio e andar, jaz um pequenino de uns 5 anos. Está quãse sempre sózinho. Sofre de tuberculose ossea. Outão fica tão longe! Francelos na mesma! O senhor Doutor, segundo me diz a sua mãe, colocou-lhe gesso e deu-lhe esperança de um sanatório... Enquanto não vai, vou eu por lá. Faz-me pena o pequenino!!

O quarto aonde ele está, custa uma renda fabulosa. É incrível o que nós ouvimos da boca dos ocupantes, nestas regiões! Há rendas pagas ao dia, muitas à semana, poucas ao mês. Vãos de escada, águas furtadas, quartos de arrumo, nesgas nos corredores,—tudo é alugado e custa os olhos da cara. É incrível!

«Para atender, em parte, à situação angustiosa em que algumas famílias vivem, por não poderem trabalhar, não tendo parentes capazes de os amparar, nem uma casa onde se

BARREDO

albergar, sendo certo que vamos encontrar a maior parte delas nos aglomerados sem a mínima higiene, alugados uns, outros em vãos de escadas, por esmola, e ainda outros vivendo como animais em tocas cavadas na terra e apenas resguardadas com chapas apanhadas nas lixeiras, há necessidade de resolver este problema, visto que, tudo isto constitui na hora que passa, uma situação nada edificante para todos nós.»

Isto vinha no *Comércio* e passou-se numa reunião de vereadores da Camara do Porto. Graças a Deus.

Eu costumo receber cartas daquelas paragens, e leio e vou. Deixa-se o *Morris* a distancia, para assim não me ver obrigado a pedir perdão ao Pobre... Tanto que eles nos perdoam; a nossa cama, a nossa mesa, os nossos costumes...! Tão pouco o que lhes desculpamos...! Adiante.

Esta que li, pelo que dizia e como dizia, pareceu-me ser de um homem maduro:

Salve esta criança que ai faz-se homem e não aprende os vícios do mundo.

Foi-se a ver e era de um moço operário! Era na Grande Escarpa. Começo a subir degraus, que rangem de carunchentos. A pedra interior é salitrada. Cabeças curiosas assomam e perguntam quem

eu sou; e eu pergunto-lhes aonde mora fulano. Ficava no terceiro andar. Estava a mãe e um filho desempregado; o que me escrevera, não. *Anda na fábrica,* disse a mãe. Tinha ali na cozinha o sujeito da petição; uma criança de 4 anos. A mãe é meretriz. *A criança já vai botando sentido.* Eis a aflição do jovem que me escreveu. Mas isto é simplesmente grande! Isto constitui uma formidável lição aos que se dizem mestres. O Barredo! Desço as escadas e estou agora na rua. É uma zona de toleradas. Muitas delas estão à porta e murmuram baixinho—*Pai Américo.* É um lampejo; luz a sair da lama! A tolerada chega à viela por um conceito de vida animal.

Um mundo de circunstancias a leva ali. Mas ela tem possibilidades espirituais; passa o filho de uma pela mão de um sacerdote e todas estremecem. É a pia do batismo; luz a emergir da lama...

O Barredo! É a zona mais doente do nosso lindo Portugal.

Se todos nós formamos um só corpo, como temos esquecido os membros que tanto sofrem; como?!

P. S.—Hoje, no altar da nossa aldeia, celebri por alma da que serviu durante muitos anos e morreu à míngua: a senhora Madalena de Rezende! Estava a sua irmã que foi enfermeira. Estava o sftio da cama. Estava o luto. Deus fechou-lhe os olhos para sempre!

TRIBUNA DE COIMBRA

O QUE NOS VÃO DANDO Hoje vamos falar só daquilo que nos deram ainda pelo Natal, pois aproxima-se a Páscoa e ninguém nos dá nada a julgar ou que as coisas não chegam cá ou que temos tantas que nem chegamos ao fim. Nem é uma coisa, nem outra. Tudo cá chega bem e vamos dividindo para dar para sempre. Ora vamos aos trocos: Uma coelha e castanhas; e da Fábrica das Malhas uma dúzia de peugas; e 120\$00 para «O Gaiato» e um livro de um senhor; e dois centos deles e boas festas da Importadora; e meio conto de Portugal; e dez camisolas de lã. E sapatilhas e um casaco e uma camisa; e um pequeno óbulo de um casal que é amante de crianças; era uma nota de cem. E a Fábrica de Curtumes com um couro de porco e um meio de

Querem ver outra vez? Nós mandamos o famoso a quem nos perguntar os termos da assinatura. Vai sem termos. Confiamos. Não marcamos preço. Não fazemos cobranças. Não debitamos mudança de endereços. No final dá tudo certo. Confiança.

Foi o Julio que há dias me abriu os olhos, dizendo que eu pago adiantado a assinatura do meu jornal.

—O quê rapaz!

—É assim mesmo; paga-se adiantado.

É mercancia. É o pior dos negócios. É uma espécie de simonia, quer dizer, pagar com dinheiro os valores do espirito. É por isso mesmo que eu oiço frequentemente, quando pergunto ó Avelino o que diz o jornal. *Hoje não diz nada;* responde o rapaz!

E o nôsso diz sempre e diz muito e cada qual paga o que quer, se quer, quando quer.

Confiança! Isto é a Casa do Gaiato.

sola e muita atenção; e a Sociedade de Porcelanas com cincoenta. E um cesto de laranjas que foram a delicia de quem as comeu. E uma com dez escudos e uma Avé Maria por alma da mãe e de outra vez o mesmo por alma do pai. Amor filial no seu profundo sentido. E outra vez o senhor de muitas vezes com cem para a assinatura e cem do único ordenado que recebo por um encargo e que dívida em partes pelos pobres. Tudo de Coimbra. E dez quilos de bacalhau da União de Mercarias Mirandense e daí a dias, com uma engraxadeira, deu-nos muitas caixas de pomada. Não-de-dar-nos mais coisas; eles querem e nós somos bons fregueses. E uma peça de fazenda forte da Covilhã. É uma senhora que todos os anos faz o mesmo. E ainda cincoenta da mesma terra; e de uma senhora da Figueira, muito nossa amiga, duzentos e vinte; e o Grémio de Miranda com uma namora ao seu ilustre Presidente deu-nos um sacco de feijão. Eu pedi desculpa do atrevimento e respondeu-me: *aproveite sempre estas ocasiões;* lá me tem mais vezes. Três camisolas de Lisboa e mais da mesma terra uma camisola e mais; e de Barcelos cem; e o mesmo de Oliveira de Azemeis de um funcionário judicial para os pobres protegidos por V. Ex.^a Reverendíssima. O tratamento é demais, mas o amor explica. E um senhor doutor amigo da Obra com quarenta alqueires de milho por alma de minha querida esposa. Que o Senhor a olhe com misericórdia em atenção ao bem

que esta oferta nos veio fazer. É um corte grande de fazenda de S. Miguel da Beira Baixa. Todos os anos ligam para cá. E mais meninas de Abrantes com uns retalhinhos de flanela. E um carneiro suíço oferecido a um fidalgo nosso compatriota que o quis oferecer a nós; e outra vez a Mãe de Ilhavo com muitos retalhinhos. E roupas da Rua Pascoal de Melo e mais roupas da R. Teixeira, da Capital.

Pe. HORÁCIO

LAR DO PORTO

O que acontece com a nossa Obra o mesmo sucede com as Conferencias de S. Vicente de Paulo; não possuir riquezas são os estatutos dos seus fundadores que o mandam! A nossa Conferencia cumpre essas regras. Ainda na ultima reunião queriamos pagar a renda a um pobre e não tinhamos dinheiro. Resolveu-se esperar por alguma esmola para atendermos a esta necessidade. Não esperamos muito. Deus é grande e omnipotente. Ele mais do que nós sentiu o desejo de vir em socorro deste pobre que estava prestes a ir para o relenjo. No dia seguinte à reunião chegou-nos às mãos um envelope. Por fora dizia: entregue no Espelho da Moda para a Conferencia do Lar do Porto da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Abrimos e dentro lemos de novo o seguinte: cinco mil escudos para a Conferencia do Lar do Porto. Não trazia assinatura. É a primeira vez que a nossa Conferencia recebe assim um donativo. Mal sabe este feliz anónimo a alegria que trouxe a nós confrades. Já podemos pagar a renda ao nosso pobre.

Ele também participará da mesma alegria. Muitos dos leitores dirão com os seus botões: eles agora estão quentinhos, portanto não precisam do nosso auxilio. Enganam-se os que assim pensarem. O Barredo é tão grande!...

Em Paço de Sousa o Pai Américo está construindo casas para os pobres pertencentes à conferencia daquela casa. É pena que a nossa não possa fazer o mesmo. Não temos terreno nem dinheiro. E

(Continua na página seguinte)

ISTO É A CASA DO GAIATO

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

Hoje houve aqui uma formidável contenda. É o carro de mão. Além dos bons serviços que presta, presta-se, sobretudo, a grandes sarilhos. Hoje foi um *Piolho* provocou. *Piolho* quis o carro para levar encomendas a Cete. Júlio II, não deixou, por precisar dele para o jornal. Quando eu cheguei, as coisas estavam quasi, quasi...! Mas não. Desta vez não houve nada!

Eu sei como tudo isto tinha um fim; era uma pequenina furgonete. Ele há muitas, assim houvesse quem...

Há dias, vinha no jornal que um senhor foi depositar cinquenta mil contos como multa provável de um negociãozinho de açúcar. Que somas! Que negócios! Que tempos! Dá-me vontade de chorar ao tomar conhecimento destas fraquezas dos homens! O que me valeu a mim, foi que, naquele mesmo dia em que li o episódio, um dos nossos pequeninos visitantes de pobres procurou-me. Trazia um recado que lhe nasceu no peito: *o meu pobre tem muita bronquite, precisa de muitos chás, dê-me um nadinha de açúcar para eu lhe levar.* E o pequenino visitante deu-me um abraço quando me viu

Aqui, Lisboa!

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

las estrumeiras (os bairros altos, as curraleiras, barredos, e latas) a rapar as chagas da sua miserável vida, com os cacos que os carros de lixo apanham pelas ruas asfaltadas.

O missionário vai retirar para a sua pátria, o Brasil. Deixou uma luz para que os cegos de cá vejam; e leva também de cá uma luz nova. «Valeu a pena ter atravessado o Oceano, só para conhecer a Obra da Rua», disse ele.

— **MAIS** — Está concluída. Os **UMA CASA** batatas quando me veem com um lápis na mão, põem-se na minha frente, para que eu os veja bem — Já sei, dizia o polícia, anda a tirar os nomes dos que vão para a casa nova... Bote-me lá a mim.

Este bote-me lá quer dizer que casa está ao seu gosto, e que é para o gosto deles que nós trabalhamos. Vai ser inaugurada no Domingo do Bom Pastor, que este ano calha no dia 8 de Abril.

Por este único meio, ficam convidados todos os nossos Amigos de Lisboa. Depois do Vosso almoço, venham ver a alegria de quem nunca teve uma casa e que vai finalmente entrar no que é seu.

O itinerário é muito simples: Campo Grande, Lumiar, Estrada de Torres Vedras, Loures. Daqui corta-se à direita pela Estrada de Bucelas, e, no Tojal, cá vos esperamos.

A camionagem de Bucelas «A Bucelense» que parte da Rua da Palma, passa a toda a hora por aqui e trás quem quiser vir.

P.º ADRIANO

descer as escadas, para irmos à dispensa buscar o seu tesoiro *um nadinha de açúcar.*

Ora eu muito desejava que alguém sublinhasse este episódio e enviasse ao negociante a notícia dele. Talvez, por meio dela, aquele senhor venha a descobrir um mundo novo e dê de mão à desgraça dos milhões...

Hoje, ao passar por um grupo de trabalhadores, que conduziam padiolas de cascalho, um deles pouca, manda retirar o companheiro da frente, vira-se para mim e convida-me: *pegue aqui mais eu; é a minha padiola.* Era o Sinfães. O Sinfães quis que eu pegasse a padiola; é a minha. Numa casa da chamada educação, isto seria naturalmente impossível. A distancia entre aluno e mestre, tornaria este doce convite numa grave ofensa. Os rapazes, naquelas casas e são todos; os rapazes, digo, tremem e temem. Não amam por não serem amados.

Aqui não senhor. Aqui não há mestres. Não há educadores. O rapaz sente em mim um seu igual. E se eu quizer alguma coisa dele, tenho tudo, tudo. Aonde a fórmula? *Pegue aqui comigo a padiola.*

Era a hora do café. O Bernardino tinha ido pelo tabuleiro e eu sentei-me no refeitório. A mesa está encostada à janela e esta diz para fora. Mal me sento, aí vem uma notícia escaldante, dada por meia duzia deles. Eram pintainhos a sair das cascas. Estavam na rouparia em 3 cestos com palha e cada galinha em seu. E uma galinha comeu os ovos, mas as outras não. E uma já tinha 14 deles debaixo das asas e um mundo de coisas mais. Daí a nada, chega Bernardino com os precisos. Os companheiros tinham-se retirado, mas ele também sabia do acontecimento e prosseguiu. Eu tinha posto café e leite na chavena. Havia fatias de pão cosido pelo Gari. Havia manteiga batida pelo Botas. O Bernardino está ao pé, a narrar. Eu perguntei quem é que pica o ovo. O rapaz afasta-se. Os seus olhos faiscam, de brilho. O sorriso é inenarrável. E responde: *é o pintainho que quer sair pra fora e pica o ovo.* Eu esperava que ele dissesse *é a galinha.* Mas não. *É o pintainho que quer sair.*

Ele também assim fez...! Admirei a intuição divina das coisas misteriosas e profundas. O Bernardino tem 10 anos.

Ora este à vontade, só é possível numa Casa aonde a criança é rei. Eu adoço e Moléstia faz constar que é mas é ronha. Eu passo e Sinfães convida-me a pegar à sua padiola. Eu faço perguntas e o Bernardino ensina: *é o pintainho que quer sair pra fora.* Aqui é o Império Português.

A cama estava feita. Ele tinha 39; era o Jovelino. A senhora da enfermaria deu-lhe um pijama e que subisse. O doente assim fez. Havia mais deles, noutros leitos, a gemer papas de linhaça e mostarda. Armando, dava injeções. Jovelino fugiu. Se alguém encontrar um rapaz de 12 anos com 39 de febre, que se chama Jovelino, é favor dizer.

O Tino roubou o hospital ó Sinfães! Este, tinha ali mercado certo e vai o colega e toma a praça! Eu ralhei.

Eu disse ó Tino que não estava certo tamanha deslealdade.

Ele responde que foi um senhor que o levou lá, mas isso não justifica de maneira nenhuma o seu acto. O Sinfães anda triste, e aqui é que está o mal; nós não devemos jamais ser a causa de tristezas dos outros, nunca!

Ontem vieram três do Lar do Porto fazer o fim de semana. Era noite. Não havia camas de vago. Dirigiram-se ao hospital. Ali havia algumas feitas. Fazia muito frio. As camas tinham pouca roupa. O Bucha, que é o encarregado, ao vê-los à procura de cobertores disse-lhes: *tirai da minha cama, mas das dos doentes não.* Isto me contaram os hospedes no dia seguinte—*dos doentes não!* Quem é que ensinou doutrina tão elevada a um que foi dos caminhos; que andava pelas feiras, alagado, a cantar por figos e aguardente, quem? Eu cá não.

LAR DO PORTO

Continuação da página anterior

compreensível a necessidade desses palácios e arranha-céus que dia a dia se levantam nas cidades. Estamos na era do progresso... Mas, mais compreensível e necessário seria a construção de Bairros onde o pobre pudesse ter a sua casita. Este, sim, seria o grande progresso. E preciso que todos saibam e compreendam qual a espécie de pobre, a que nos referimos. Não é aquele que não quer trabalhar, que não se importa de dormir num monte de estrume ou que para ele a vida não existe. Referimo-nos àqueles que querem e não podem. Temos exemplos na nossa conferência. Posso apresentar o do meu pobre. «Ela é uma mulher dos seus cinquenta anos, não pode trabalhar porque tem um tumor no ventre. Ele também é doente não pode trabalhar. Têm seis filhos. Mais, andam aos carretos na Ribeira, o outro anda a arranjar emprego e os outros são pequenos. Isto seria o suficiente para os leitores tirarem a conclusão, mas não chega. Falta falar no que vem a propósito esta descrição. A casa onde moram. Todos ou parte dos senhores devem conhecer o Barredo. Pois é lá que eles residem. Mas que residência... Ficar mais bem empregado o nome de gruta. Mas isto ainda não chega. No inverno quando o rio sobe, têm de sair da dita residência... e pedir aos vizinhos que os recolham. Agora pergunto eu, onde estão as possibilidades deste nosso pobre, para conseguir vencer as suas dificuldades? No que ganham os dois filhos? Já tem ordem para procurar uma casa, porque a nossa conferência com a ajuda dos seus amigos pagará a renda. Por hoje termino. Levantem-se essas para os pobres e venham depois esses magestosos palácios. Só assim uma Nação poderá contar os seus espantosos progressos.

Carlos R. Gonçalves

Notícias de Lisboa

Casa nova—O Nosso Casal Agrícola fica pronto esta semana. Com ele tem-se gasto muitos contos, mas fica uma obra linda e muito importante.

No refeitório fica um armário grande com gavetas para a loiça, e em cima há prateleiras para pôr livros. Um fogão para nos aquecer no Inverno, e um oratório para uma imagem. Enquanto na cozinha tratam da comida do corpo, na biblioteca temos o alimento do espírito. À entrada do refeitório há um escritório para tratar do que diz respeito à quinta, e uma arcade para nos abrigarmos da chuva no Inverno. No rés do chão está ainda a copa, rouparia, e as casas de banho.

No 1.º andar há duas camaratas uma verde e outra amarela, quarto do

O que recebemos!!! Bem dizia, que queria palavras para definir perfeitamente o carinho dos leitores; não encontro. A avalanche é incensurável, mais pelo que declaram.

A abrir um envelope a dizer: *Para a Conferência da Aldeia, dentro 20\$00.* É um dos envelopes-mistério; aqui, não.

De uma leitora 70\$00; trata-se de um pequeno óbulo, e nós diremos: muitos poucos fazem muito. A Foz do Douro também manda 20\$00; pode ser que de lá haja mais alguém que se queira lembrar vamos a ver. Depois da Foz, o Estoril: *vão 20\$00 e com o tempo se Deus quiser vai mais;* a intenção foi cumprida e quanto ao resto agradecemos, porque não temos nada certo, a não ser a vossa generosidade. *Uma Tripeira em Coimbra principia por Meus bons irmãos e na carta envia cem escudos para a conferência;* o Evangelho é assim. Outra vez o Porto; ali longe, aqui perto: *também envio 50\$00 para os pobres da Conferência e firma-se Uma Assinante do Porto;* de facto, os nossos leitores desejam amparar na medida do possível a nossa tarefa; que assim seja, pois não tem sido uma nem duas as cartas que temos recebido explicando-se assim: *na medida do possível enviarei alguma coisa.* Novamente a Invicta! É uma Mamã feliz e participa com 100\$00; informamos esta nossa leitora que sim senhor recebemos tudo e que foi tratado o assunto. Não me canso, até gosto de escrever—outra vez do Porto 20\$00; é de Massarelos, à beira do Douro. O que segue também é do Porto; mais 40\$00, não se sabe nem nome nem morada a não ser Porto. Ah! agora não é da Invicta, é da Batalha e destina 80\$00 para os nossos pobres. O Porto ouviu-nos... Outros 40\$00 para a Conferência; as palavras foram escritas num bocadito de cartolina. Agora Lisboa, a Princesa do Oceano, também manda 20\$00; é a assinante 11.574. De Coimbra 50\$00, parte da primeira comissão duma representação. Após Coimbra, algures com 30\$00; o papel da carta era tardo de preto. Segue outro tripeiro ou tripeira com 25\$00. Uma Senhora da Covilhã remete 40\$00 e desabafa... Hoje em Portugal a Obra da Rua é a confidente de muitos sigilos; aqui a consciência abre-se... Na altura em que se está a escrever, ofereceram uma catrefa de tabaco e seus acessórios. Os pobres gostam... Mais vale fumar limpo, do que caçarem as chamadas *bitatas*; sujeitos, evidentemente, ao contágio de doenças perigosas.

É tudo. Convém lembrar que a direcção de cá, é simples: Casa do Gaiato—Paço de Sousa. Esperamos.

J. M.

chefe, um quarto para hospedes e um guarda-roupa.

Temos também uma varanda corrida sem janelas que é para os visitantes poderem tomar ar no Verão quando cá vierem visitar-nos.

A nossa furgonete—Como os nossos bons leitores já devem saber já temos uma furgonete. Ela dá-nos uma grande ajuda, e economiza-nos muito dinheiro. Leva todos os domingos os rapazes para a venda de «O Gaiato», e trá-los novamente para casa. Vai buscar os donativos que os senhores se encarregam de pôr no Montepio-Geral ou que mandam mesmo buscar a suas casas.

Carlos Alberto